



Marcelo Pereira da Silva  
(Organizador)

# Comunicação, Mídias e Educação

## 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
C741	Comunicação, mídias e educação 2 [recurso eletrônico] / Organizador Marcelo Pereira da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Comunicação, Mídias e Educação; v. 2)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-695-9 DOI 10.22533/at.ed.959190910  1. Aprendizagem. 2. Comunicação – Pesquisa – Brasil. 3. Comunicação na educação. I. Silva, Marcelo Pereira da. II. Série.  CDD 371.1022
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Comunicação, Mídias e Educação constituem campos do saber que se entrecruzam e emolduram, por meio de suas especificidades de objetos e arcabouços teóricos, metodológicos e epistemológicos, fragmentos relevantes da arquitetura na qual a sociedade, as organizações e os atores sociais se assentam.

Nesse sentido, este livro contém um tripé, a saber, Comunicação, Mídias e Educação, que se (im)põe como condição na construção da sociedade e na consolidação da democracia, da participação, do diálogo e da análise crítica que alimenta as possibilidades de compreensão da complexa sociedade na qual estamos imersos.

A Comunicação, as Mídias e a Educação, assim, se apresentam como três campos que materializam múltiplas expectativas, desafios e oportunidades em um tempo no qual emergentes formas de ver, estar e sentir o mundo ressignificam o tecido social, redefinem profissões e produzem outras formas de interação, trocas e socialidades.

Destarte, dividimos esta obra em 2 partes: A primeira problematiza, por meio de diferentes métodos, análises, discussões e epistemes, o universo das Redes e Mídias Sociais da Internet, contendo artigos que tratam dos atores que emergem com o surgimento e a cimentação das redes sociotécnicas, os discursos que circulam no ecossistema virtual e os obstáculos decorrentes dessa ecologia.

A segunda parte engloba artigos que versam acerca das Mídias e do Jornalismo, lançando luz sobre a constituição das mídias sociais da Internet e das mídias de massa, assim como no lugar que o Jornalismo ocupa no contexto pós-moderno. Por meio de diversas discussões, metodologias e problematizações que aprofundam o olhar sobre as Mídias e o Jornalismo, tais artigos pavimentam a estrada por onde caminham, ainda que em sentidos que ora divergem e ora convergem nas interfaces entre Comunicação, Mídias e Educação.

Temos que Comunicação, Mídias e Educação devem ser entendidas e colocadas no centro da existência humana, dado que se tornaram medulares para a construção de uma sociedade mais aberta, justa, empática e sensível às demandas das labirínticas alteridades.

Marcelo Pereira da Silva

## SUMÁRIO

### PARTE 1: REDES E MÍDIAS SOCIAIS DA INTERNET

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A CELEBRIDADE PELO ESCÁRNIO: GRETCHEN, RISO E REDES SOCIAIS	
Jaciane Freire Santana João Gabriel Lourenço da Silva Santos Fabiana Moraes da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9591909101</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>11</b>
A FORMAÇÃO DE EDITORIAS DE MÍDIAS SOCIAIS EM REDAÇÕES JORNALÍSTICAS E OS DILEMAS SOBRE O PROFISSIONAL “HÍBRIDO”	
Robson Roque Ivan Satuf	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9591909102</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>24</b>
AMINER.: METADADOS DE PESQUISAS ACADÊMICAS ATRAVÉS DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL	
Giuliano Carlo Rainatto Genesio Renovato da Silva Neto Jucilene Faria Norberto de Almeida Andrade	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9591909103</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>39</b>
ANÁLISE DISCURSIVA DE PERFIS DE DIGITAIS INFLUENCERS MIRINS	
Elane da Silva Sousa Regysane Botelho Cutrim Alves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9591909104</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>53</b>
ECOSSISTEMA DA DES-INFORMAÇÃO: TIPOS DE CONTEÚDOS FRAUDULENTOS NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2018	
Kennedy Anderson Cupertino de Souza Marilene Mattos Salles	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9591909105</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>66</b>
FAKENEWS NA ATUALIDADE: ESTUDO DA DISSEMINAÇÃO DE NOTÍCIAS FALSAS COMO RECURSO DE PROPAGABILIDADE	
Luiz Guilherme de Brito Arduino Vânia de Moraes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9591909106</b>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>77</b>
JORNALISMO ESPORTIVO E E-SPORTS: UMA ANÁLISE DA COBERTURA JORNALÍSTICA SOBRE A POSSÍVEL INSERÇÃO NOS JOGOS OLÍMPICOS	
Guilherme Fernandes Mota Silva	
Luísa Guimarães Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9591909107</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>88</b>
MUDANÇA DE COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR DE NOTÍCIAS COM O FENÔMENO SEGUNDA TELA	
Suély Zonta	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9591909108</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>98</b>
MÍDIAS DIGITAIS E CAPITAL SOCIAL: UM ESTUDO SOBRE AS AÇÕES DA CI COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO NO FACEBOOK	
Gabriel Gustavo Carneiro Braga	
Letícia Silva Mendonça	
Carolina Guerra Libério	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9591909109</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>110</b>
O ELEITOR CONECTADO: PERFIL E CONSUMO DE CONTEÚDO NAS ELEIÇÕES 2018	
Maíra Martins Moraes Vitorino	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95919091010</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>125</b>
PARA QUE SERVE UM BOATO NUMA CRISE DEMOCRÁTICA? REFLEXÕES SOBRE OS SINTOMAS, A PARTICIPAÇÃO E A UTILIDADE DOS BOATOS NA CRISE DA DEMOCRACIA BRASILEIRA	
Iasminny Thábata Sousa Cruz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95919091011</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>138</b>
PÁGINA BOLSOMINIONS ARREPENDIDOS: UMA ANÁLISE QUALI-QUANTITATIVA	
Izailma Jaciara Araujo Costa	
Márcia Inabelly Araújo dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95919091012</b>	
<b>PARTE 2: MÍDIAS, JORNALISMO E ANÁLISES</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>147</b>
COMPOSIÇÃO, CORES E SUBJETIVIDADE: ESTUDO DO DISCURSO PREGNANTE EM INFOGRÁFICOS DO “LA NACIÓN DATA” E “ESTADÃO DADOS”	
Kelly De Conti Rodrigues	
Carlos Alberto Garcia Biernath	
Marcelo Pereira da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95919091013</b>	

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>161</b>
A INVISIBILIDADE DO COVEIRO E O JORNALISMO LITERÁRIO: HISTÓRIAS DE PARATINGA	
Tiago Florencio de Abreu Angelita Pereira de Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95919091014</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>170</b>
A QUEDA HISTÓRICA DE ANUNCIANTES NO JORNAL O POPULAR: UMA REFLEXÃO SOBRE O FUTURO DO JORNAL IMPRESSO E SUA CRISE DE FINANCIAMENTO	
Edson Francisco Leite Junior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95919091015</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>182</b>
A REPRESENTATIVIDADE FEMININA NA SÉRIE <i>ORANGE IS THE NEW BLACK</i>	
Camilla Pessoa Barros Bibiano	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95919091016</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>191</b>
BLOCKCHAIN E JORNALISMO DIGITAL: UMA REFLEXÃO SOBRE O MODELO DE NEGÓCIOS DA EMPRESA THE CIVIL MEDIA COMPANY	
Lucas Rezende Costa Luísa Guimarães Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95919091017</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>202</b>
COTAS UNIVERSITÁRIAS NAS COLUNAS DE CARTA CAPITAL: UM ESTUDO DE REPRESENTAÇÃO SOCIAL	
Elisa Fabris de Oliveira Edinete Maria Rosa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95919091018</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>214</b>
DO FEMININO AO FEMINISMO: UMA ANÁLISE DE REPORTAGENS NA REVISTA AZMINA	
Thais Martins Rossi Maria Emília Pelisson Manente	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95919091019</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>226</b>
FEMINICÍDIO E A IMPRENSA BRASILEIRA: ANÁLISE DA COBERTURA DIGITAL SOBRE O CASO TATIANE SPITZNER	
Bruna Silvestre Innocenti Giorgi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95919091020</b>	



<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>238</b>
IMAGINÁRIO, MULTICULTURALISMO E APOCALIPSE NO FILME CÍRCULO DE FOGO	
Rafael Iwamoto Tosi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95919091021</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>250</b>
LIMITAÇÕES À DIVERSIDADE SIGNIFICATIVA DE VERSÕES NAS NOTÍCIAS: A COBERTURA D'O GLOBO E DO DIARIO DE PERNAMBUCO NA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 2018	
Nathália Carvalho Advíncula	
Maria Clara de Oliveira Martins	
Heitor Costa Lima da Rocha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95919091022</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>262</b>
O CINEMA E O DUPLO: ANÁLISE MIMÉTICA DO FILME MARINA	
Bárbara dos Santos Oliveira	
Crislene Susane Fernandes Moreira	
Alexandre Bruno Gouveia Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95919091023</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>273</b>
O SENSACIONALISMO E A FUNÇÃO SOCIAL DO JORNALISMO POLICIAL MARANHENSE: UM ESTUDO DO PROGRAMA BANDEIRA 2	
Samantha Kelly Tinôco Araújo	
Alexandre Bruno Gouveia Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95919091024</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>284</b>
<i>PANTHER IS THE NEW BLACK</i> : REPRESENTATIVIDADE E CULTURA NA COMUNICAÇÃO DO FILME PANTERA NEGRA	
Rodrigo Sérgio Ferreira de Paiva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95919091025</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>297</b>
POR TRÁS DAS GRADES: O SILÊNCIO SOBRE OS PRESÍDIOS FEMININOS NO BRASIL	
Gabriel Barros da Silva Eduardo	
Julia Borsoi de Oliveira	
Natalia Vicente Teixeira	
Maria Emilia Pelisson Manente	
William Silva de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95919091026</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>306</b>
PRODUÇÃO IMAGÉTICA NO CINEMA: CONVERGÊNCIAS REPRESENTATIVAS ENTRE AS PRODUÇÕES DE JEAN-LUC GODARD E LARS VON TRIER	
Marcelo dos Santos Matos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95919091027</b>	

<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>316</b>
VALORES-NOTÍCIA NO JORNALISMO AUTOMOTIVO	
Sergio Quintanilha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95919091028</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>330</b>
UMA REVISÃO NARRATIVA DA MÍDIA E DA SAÚDE MENTAL NA ATUALIDADE	
Paloma da Silva	
Andressa Rosa de Araújo	
Bianca Gonçalves de Carrasco Bassi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95919091029</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>344</b>
TEORIAS DO JORNALISMO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA PARA DESCONSTRUIR AS <i>FAKE NEWS</i>	
Gabriela Souza Silva	
Mariana Oliveira Santos	
Carmen Regina de Oliveira Carvalho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95919091030</b>	
<b>CAPÍTULO 31</b> .....	<b>356</b>
RETRATOS E IDENTIDADES DO LICEU MARANHENSE: UMA VIVÊNCIA DA ARTE DA FOTOGRAFIA NO COTIDIANO ESCOLAR	
Elma Vilma Silva Ferreira	
Ellen Lucy Viana	
<b>DOI 10.22533/at.ed.95919091031</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>363</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>364</b>

## A REPRESENTATIVIDADE FEMININA NA SÉRIE *ORANGE IS THE NEW BLACK*

**Camilla Pessoa Barros Bibiano**

Universidade Federal de Alagoas, curso de  
Jornalismo  
Maceió - Alagoas

**RESUMO:** Pensando em como a imagem da mulher é trabalhada na comunicação audiovisual, integradas ao papel influente que as grandes séries de TV exercem sobre a sociedade atual, é importante uma análise sobre a representatividade feminina dentro da mídia. De forma clara e precisa, é necessária uma argumentação acerca de como queremos que as mulheres sejam retratadas, apontando erros e acertos nas produções. Neste artigo em específico trataremos sobre a série americana *Orange Is The New Black*, sucesso de audiência e famosa por quebrar padrões instaurados para protagonistas femininas. A análise completa, passando por cada uma das temporadas da série, traz, além do protagonismo da mulher e sua imagem, temas pouco discutidos ou que não possuem tanta repercussão midiática.

**PALAVRAS-CHAVE:** representatividade feminina, orange is the new black, séries de tv.

### THE FEMALE REPRESENTATIVENESS IN THE ORANGE IS THE NEW BLACK SERIES

**ABSTRACT:** Thinking about how the image of

women is worked in audiovisual communication, integrated with the influential role that large TV series play in today's society, it is important to analyze the female representativeness within the media. Clearly and precisely, an argument is needed about how we want women to be portrayed, pointing out mistakes and correct production. In this specific article we will cover the American series *Orange Is The New Black*, audience success and famous for breaking established standards for female protagonists. The complete analysis, through each one of the seasons of the series, brings, besides the protagonism of the woman and its image, subjects little discussed or that do not have as much repercussion media.

**KEYWORDS:** feminine representation, orange is the new black, TV series.

### 1 | INTRODUÇÃO

*Orange Is The New Black* é uma série original da Netflix baseada em um livro de memórias de Piper Kerman sobre suas experiências em uma prisão federal. A série se passa em Litchfield, uma prisão federal feminina de segurança mínima localizada no Estado de Nova York, com a história se desenvolvendo ao redor da personagem principal Piper Chapman que é condenada a cumprir 15 meses de prisão

por ter transportado uma mala de dinheiro relacionada a tráfico de drogas. A partir daí somos introduzidos no universo da penitenciária feminina e nas histórias das detentas que ali vivem.

Além de tratar de um tema feminino com mulheres protagonistas, a série vem para ressignificar o olhar para as mulheres detentas, que muitas vezes são marginalizadas ou comparadas à mesma situação vivida por homens. É hegemonicamente percebido que ao se tratar de crimes e pesos à essas práticas, o olhar voltado para o masculino é constante e o mais comum. Mas Orange traz o olhar delicado das especificidades da mulher detenta, além de como essa realidade afeta suas personalidades e inclinações mentais.

A série vem para retratar de fato um ambiente de uma prisão federal nos Estados Unidos. Visualmente o ambiente não deixa nada a desejar com banheiros sujos e quebrados, paredes precisando de cuidados e a prisão inteira precisando de reparos (o que é tocado várias vezes durante as temporadas na história). A linguagem muito peculiar que não se envergonha pelas palavras de baixo calão recheados de muitos xingamentos retratam também um pouco do que aquelas mulheres são, do ambiente em que vivem e no que são condicionadas a se tratarem.

A trilha sonora não é muito recorrente. Além da forte abertura da série trazendo rostos de mulheres bem diferentes umas das outras com *You've Got Time* ao fundo e uma letra retratando tudo o que aquelas mulheres vivem dentro de presídios, poucas vezes outras músicas aparecem tendo um essencial significado, mas sempre casando com as cenas apresentadas no episódio como forma de complemento.

## 2 | ENREDOS DAS TEMPORADAS

Atualmente em sua 6ª temporada, com a 7ª já em processo de gravação, a série começa em sua primeira temporada como quem não quer contar nada, explorando o universo da vida das mulheres da prisão, como foram parar lá, quem são. É necessário introduzir para começarmos a criar simpatia ou antipatia pelas personagens através de flashbacks. Muito pouco além disso e de seus relacionamentos, nesse ponto tocando-se muito no homossexualismo feminino, é travado pelo enredo, apesar das muitas histórias dramáticas e pesadas que algumas trazem consigo. O foco da primeira temporada assim fica presente na protagonista e seu pequeno grupo de mulheres.

Um ponto que cresce a favor da série é o protagonismo puro e simples das mulheres, diferentes de outros em dois pontos: em nenhum momento um personagem masculino é essencial para que os eventos do enredo aconteçam; o protagonismo não fica somente dentro das telas, mas também em todo os bastidores passando por roteiro e direção. Protagonismo feito por mulheres diferentes uma das outras, brancas, latinas, negras, trans. Mulheres com corpos reais e plurais, com belezas comuns, sem roupas bonitas, sem maquiagem, mulheres numa realidade bem crua e que nos

lembra o tempo inteiro exatamente o lugar em que estão. A segunda temporada abre assim um maior espaço para outras mulheres da penitenciária brilharem.

No presídio feminino de Orange is the new black, as problemáticas sociais, culturais, raciais e de gênero se desenvolvem, então, em torno destas novas protagonistas: reais, acessíveis, imperfeitas, contraditórias, próximas do espectador. Novos caminhos são traçados, o feminino ganha força e o masculino não se perde em suas tradicionais determinações de autoridade. Outras configurações de gênero se apresentam e apontam para uma diluição das fronteiras dicotômicas que aprisionam subjetividades em padrões de comportamento pré-determinados. (MONTORO E DALA SENTA, 2015, p. 4)

Assim, a série conseguiu propagar uma representatividade feminina que não entrava no círculo midiático de produções de séries normalmente, e nem conquistava um público considerável.

A partir da terceira temporada começamos a maior crítica social da série com a privatização da penitenciária após o governo declarar o fechamento da prisão. Foi a forma que o diretor de Litchfield encontrou de manter seu emprego e a prisão a funcionar, porém os métodos para que ela continuasse na ativa trouxe inúmeros desconfortos a população feminina da cadeia. A primeira mudança consubstancial é na comida que se transforma em uma pasta para que se reduzam centavos de gastos com as detentas e dessa forma se transforme em lucros para a empresa que a privatizou.

Coisas de necessidades básicas de dignidade como comida são retiradas das mulheres por conta da ganância das empresas privadas. Fica claro nesse contexto o quanto muitas vezes detentos não são tratados como pessoas só porque cometeram crimes e erros no passado, devem pagar sim, mas direitos básicos devem ser preservados. Estamos falando de humanos, gente como a gente.

Nessa temporada a série ganha novos panos para serem explorados. Ainda se tratando da privatização, cortes de benefícios dos guardas se transformam numa mudança no quadro que traz guardas despreparados e sem treinamento para lidar com as prisioneiras e com isso temos uma introdução de um estupro de uma das detentas através da relação dela com um dos guardas. Ainda sobra espaço para o drama da trans Sophia que sofre de preconceito e vê seu caminho sendo traçado à solitária por motivos banais, e a introdução de religiões e ceitas que induzem ao fanatismo.

Subjugadas e desafiadas pelas estruturas de poder autoritário, as protagonistas de Orange is the new black buscam alternativas para lidar com a opressão que sofrem não só como mulheres, mas também como mulheres negras, idosas, lésbicas e transsexuais. Evidenciam-se, assim, maneiras plurais de enfrentamento feminino que vão desde o isolamento, a loucura, o apego religioso e o sexo, à formação de guetos raciais, étnicos e etários. (MONTORO E DALA SENTA, 2015, p. 8)

É na quarta temporada que é ressaltado os problemas vividos pelas detentas

desde a privatização. É chegado assim novas prisioneiras e a partir disso os “quartos” que abrigavam duas começaram a ter quatro pessoas. Superlotação, falta de comida para todas, trabalhos forçados e filas no banheiro impossibilitam as necessidades básicas humanas como tomar banho. Realidade essa que se contrasta com a de Judy King, uma condenada famosa que vive de regalias dentro da prisão.

São introduzidos a partir daí novos guardas veteranos de guerra, guardas esses sem a menor empatia que faz com que as mulheres se sintam acuadas por fazerem absolutamente nada. Eles também têm um importante papel na guerra étnica, após um embate entre brancas e latinas, as revistas das estrangeiras se tornam mais abusivas e gritantes.

Orange is the new black, apesar de possuir um discurso a favor do feminismo e de ser escrita por uma mulher, o que dá uma maior carga simbólica para a validação do discurso feminista que é empregado, ainda está submersa num sistema social patriarcal, por nele ser produzida [...] Orange se mune desses valores para reproduzi-los e desconstruí-los ao desenhar os tipos femininos que serão trabalhados ao longo deste tópico. (VAZ E TEIXEIRA, 2015, p. 7-8)

Seu desfecho então é trágico e introduz a quinta temporada da série. Uma cena de protesto por tudo que elas estão passando na mão daquelas pessoas termina em morte, e de uma das personagens mais queridas nas mãos de um guarda que não conseguimos inteiramente odiar. A morte vai além do contexto existente de abusos cometidos pelos guardas dentro da prisão, mas chega ao tocante do movimento “Black Lives Matter” (vidas negras importam) por se tratar da morte de uma personagem negra. A partir disso a rebelião Litchfield começa e parte de ações de pessoas que irão sofrer nela.

A quinta temporada, assim, se passa inteiramente dentro da rebelião, são 13 episódios que contam como as prisioneiras se vingaram dos guardas, os utilizaram de refém para conseguir negociar para que houvesse melhoras na qualidade de vida delas e uma vingança pelo acobertamento do diretor da penitenciária ao guarda-garoto que matou uma das detentas por acidente.

É explícito todo o descontentamento das detentas através de tudo o que elas fazem os guardas passarem durante os 3 dias de rebelião. Um deles inclusive vem a óbito por conta dele mesmo: a rebelião começa quando uma das prisioneiras se apropria da arma que ele levou para dentro da prisão e dá um tiro nele. Sem atendimento médico descente, igual ao que todas as detentas têm lá dentro, ele sofre de um derrame e morre sem nenhuma delas ter um pingão de pena e compaixão, sendo descoberta sua morte somente quando as tropas invadem a penitenciária dias depois. Piscatella é outro guarda que simboliza toda a autoridade e abuso que os policiais têm sobre as mulheres (que representam a minoria, os negros, os pobres da vida real) e foi morto pela mesma brutalidade policial ao qual ele tratava as detentas.

Historicamente e culturalmente, a construção dos gêneros permitiu que qualidades

como amorosidade e sensibilidade (marcadas como femininas) fossem tidas como fraquezas, para que então qualidades marcadas como masculinas (agressividade, objetividade) se tornassem sinônimo de força. Daí a história humana de dominação pela violência e pela autoridade, história que se inicia a partir da diferença sexual e aplica-se a campos mais amplos. Aprende-se que aqueles que assumem características masculinas possuem um maior controle sobre si e sobre os outros. São seres que caminham para o “progresso”, que são firmes e não se deixam desvirtuar pelos afetos, que valorizam a visão analítica, especializada e limitada, em detrimento à orgânica, reflexiva e sensível, que vê o todo. (MONTORO E DALA SENTA, 2015, p. 5)

A temporada tem seu desfecho sem a rebelião ter a resolução esperada para as mulheres da prisão, com todas elas sendo transferidas e separadas, guardas de operações especiais entrando sem o menor cuidado, empurrando e puxando as mulheres, as tratando como nada, e um grupo que estava se escondendo dando as mãos e esperando pelo fim.

A sexta temporada logo vira um prenúncio do fim. Após todas elas serem separadas com o fim da rebelião, a transferência para a penitenciária máxima é o único caminho que resta. Lá a competitividade feminina é tão grande que passamos todos os episódios observando como as mulheres se colocam umas contra as outras. Histórias do passado são destrinchadas durante a temporada, mas a guerra “patriarcal” por poder dentro da prisão é o grande destaque.

### 3 | REALIDADES DIFERENTES

A narrativa mais importante a ser construída na série é a da diversidade. E não falamos só da diversidade de gênero e raça, mas principalmente a financeira. A personagem principal da série é uma mulher branca, loira e de classe média para alta. Ela possui meios para se manter ali dentro, diferente da maioria das outras detentas que acabam no crime por falta de opção de fuga dessa realidade.

É fácil entender assim o porquê de certas ações dentro da série, de como as personagens brigam por doces ou por chinelas de banho. Para conquistar certos benefícios elas precisam trabalhar duro, por centavos. Piper recebe dinheiro na conta da lojinha, tem uma família que luta por ela e uma pena pequena a pagar. Ela tem carta branca para sair da prisão, enquanto muitas estão ali dentro porque não tem para onde ir.

Sim, não ter casa ou família para acolher. A personagem que mais se contrapõe à Piper é Taystee, uma mulher negra, pobre e gorda. O motivo da prisão acaba sendo bem parecido ao de Piper, quando elas deixaram, de alguma forma, o tráfico usar suas inteligências. Taystee consegue sair da prisão em determinado momento, mas volta porque não tem para onde ir, nem como se manter. É de difícil compreensão quando avaliamos que ela voltou para aquele ambiente porque quis, mas ao analisarmos melhor, ela nunca teve outra opção.

Diferente de Piper, que ao fim da sexta temporada também consegue cumprir a

pena e saí do presídio. De carro. Com o irmão indo buscá-la. Enquanto ela embarca rumo à liberdade, Taystee encara um julgamento de prisão perpétua pela rebelião. Rebelião essa que todo mundo participou, incluindo Piper. Pondo em vista essas duas realidades é bem fácil notificar o racismo estrutural presente na série. Racismo esse que é visto e presenciado nos presídios reais mundo a fora. Infelizmente ainda é uma utopia achar que todos vão ter uma vida após a prisão, com oportunidades para se fazer melhor que no tempo privado de liberdade.

Piper sempre foi um peixe fora d'água na prisão. Ela pode tentar se enturmar, bancar a durona ou a chefe de gangue, mas sempre foi um ponto fora da realidade daquelas mulheres. E sempre foi odiada por isso. Em um dos melhores diálogos entre as duas, a loira pergunta “Porque as pessoas me odeiam tanto?”, quando Taystee não hesita e responde na lata “Porque você representa todos os privilégios que elas nunca tiveram e provavelmente nunca terão. Se quiser trocar de lugar comigo, tudo bem, eu não vou achar ruim”.

E é nesse fim que a série se encaminha. Piper acaba tendo sua pena reduzida e fica bem claro que é pelo privilégio de ser quem é. Porque se fosse qualquer outra detenta fazendo o que ela fez, mesmo sem intenção de ser solta antes da pena, seria vista com outros olhos e provavelmente ficaria mais tempo na prisão. Enquanto isso, Taystee mesmo com todo o apoio do movimento negro foi considerada culpada.

#### 4 | A MULHER E O MACHISMO

Apesar de um forte elenco feminino, a série não consegue fugir completamente de casos de machismo vindo da parte masculina da produção. Se o objetivo é representar a realidade, não dá para negar que casos como esses ocorram.

Dentro da prisão o abuso dos policiais é constante. A patente é desculpa para exercer força bruta contra mulheres que não apresentam “perigo real”. Não atoa elas se voltam contra os guardas na rebelião e os fazem pagar por cada humilhação. Os estupros, as surras e a violência psicológica é algo que já faz parte da rotina daquelas mulheres, que nem notam quando são abusadas e violentadas.

No entanto, isso não é uma característica somente de mulheres que estão presas. O audiovisual tem como objetivo retratar realmente casos que ocorrem todos os dias. Abrir os olhos mesmo para esse tipo de ocorrência que passa despercebido pelo olhar da sociedade, onde ninguém luta pelos corpos invadidos que colecionamos todos os dias.

Em um ambiente como esse, quando o homem é visto como dominante, a violência contra a mulher é algo comum. Normalmente o agressor é próximo à vítima, conhece seu modo de agir, pensar e encontra modos de encurralá-la. É interessante nesse ponto como a série traz as reações das mulheres após o trauma.

A personagem Pensatucky sofre de um abuso sexual do guarda com quem ela



estava namorando. Ora, ela não se questionou sobre o fato porque eles tinham uma relação, ela dava liberdade para ele. Demorou até que a personagem percebesse que tinha sido violada, que o caso não havia sido consensual e que ele estava errado. Contudo, por muitos episódios ela se isolou e se sentia mal pelo o ocorrido.

A volta por cima de Pensatucky se revela necessária para outras mulheres entenderem o que ocorre com seus corpos e em suas relações. Se não foi permitido houve sim abuso e é necessário muito autoconhecimento e sanidade mental para reverter a situação ao qual ela foi exposta e submetida. Esse é o papel principal de produções seriadas como essa, trazer representatividade para públicos e nichos específicos. Não atoa a série trabalha com o feminino dentro e fora das telas, com pautas voltadas ao bem estar e cultivo da vida humana da mulher, com todas as nuances e necessidades mais básicas.

## 5 | O MERCADO AUDIOVISUAL

Os nichos de mercado precisam cada vez mais se verem representados nesses formatos, para além das imagens tradicionais. A plataforma web permite ainda mais essas tentativas de inovações por terem mais mobilidade do conteúdo produzido e não necessitar agradar um público publicitário cheio de exigências. Essa liberdade de produção é uma abertura para criação de conteúdos originais que atendam as novas demandas sociais.

Surgem, assim, dentro do formato televisivo, possibilidades de expressões narrativas diferenciadas, entre elas a de um universo outsider formado a partir da afirmação de minorias representativas. Essas minorias passam a estimular a produção e circulação de conteúdos adaptados a outras realidades sociais, realidades estas que despontam e adquirem força. (MONTORO E DALA SENTA, 2015, p. 2)

OINTB vem transformando a maneira de contar histórias e quebrando padrões, começando pelo fato de toda a história abordada na série ser inspirada em acontecimentos reais, ter vindo de uma adaptação de um livro, estar alocada em um canal de streaming fugindo um pouco das plataformas de TVs convencionais que dialoga muito mais com o público jovem de internet e mídias digitais, aproveitando muito bem sua divulgação nessas plataformas e viralizando, o que justifica muito do sucesso conquistado.

Seguindo um padrão conquistado pela série OZ que mostra a rotina de uma prisão de segurança máxima, Orange Is The New Black vem com mesma proposta com o detalhe de que é uma prisão feminina e conta todos os dilemas que as mulheres sofrem em um presídio feminino do sistema carcerário norte-americano, que lembra outra produção chamada de Bad Girls, série britânica que também conta o dia a dia de uma prisão feminina.

A série da Netflix, porém deve ter sido a produção que conquistou mais audiência

e relevância para esse tema tão importante, onde dentro de uma ficção podemos ver situações reais enfrentadas por mulheres e homens encarcerados todos os dias, talvez de uma forma muito pior do que a que vemos nas séries e filmes. Como chamou a atenção a professora mestra em ciências jurídicas pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Raquel de Naday Di Creddo “deve-se ter em mente que o contato da população com temas dessa natureza por meio da televisão e do cinema, os torna mais palpáveis, fomentando nos espectadores sentimentos de amor, ódio, revolta, insatisfação com situações da vida real, que ultrapassam a ficção nas telas”, por isso tão grande apelo e sucesso que essas produções audiovisuais conquistam.

## 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em tempos que a sororidade é tão buscada, e clamada, o retrato fiel de como as mulheres se enxergam dentro dos seus círculos de convivência é brutal. Lá existem desculpas para esse tipo de comportamento, afinal estão presas, mas dentro de nossas relações interpessoais somos condicionadas a duvidar de nossas próprias amigas e favorecer a figura do homem viril (ou da mulher com características viris). Não atoa a temporada possui uma personagem lésbica que tem todos os trejeitos masculinos.

Dessa forma, o objetivo da obra é representar uma população menos favorecida, apresentando temas que lidam com preconceito racial, intolerância religiosa, machismo, representatividade da mulher, assédio sexual, sanidade mental e as diferenças socioeconômicas existentes entre as classes. A sensação é que a série é um retrato da realidade da sociedade em que vivemos. Entender todas essas nuances que o audiovisual nos oferece é uma tarefa exaustiva. A autora mostra em muitas cenas que nem sempre as coisas na vida estão bem claras, nem sempre o errado é totalmente errado e o certo totalmente certo, nada é tão assim preto ou branco.

Sendo Orange baseada numa história verídica, podemos deduzir que o seriado propõe um discurso de verdade norteado pelos signos contidos no programa que fazem referência, em maior ou menor medida, a objetos da realidade. [...] Além disso, corrupção, condições desumanas na penitenciária e violência simbólica e física são outros signos que aproximam Orange da realidade. (VAZ E TEIXEIRA, 2015, p. 6)

Orange Is The New Black é recheado de uma trama mais complexa, digressões temporais e personagens contraditórios. Ela se aproxima para tratar uma crítica social com personagens mais humanos e realistas.

## REFERÊNCIAS

LEAL, Wellthon; TRAVASSOS, Igor e BELTRÃO, Matheus. **O protagonismo da mulher em Orange Is the New Black**, 18º Redor, Recife – PE, 24 a 27 de novembro, 2014, <http://www.ufpb.br/evento/lti/>

ocs/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/2078/834. Data de acesso: 01/11/17.

MONTORO, Tania Siqueira e DALA SENTA, Clarissa Raquel Motter. **Orange é o novo gênero: ressignificações e transsignificações do feminino/masculino em formato televisivo para plataforma web**, Cultura midiática, Paraíba, Ano VIII, n. 15, - jul-dez, 2015, <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/cm>. Data de acesso: 01/11/17.

VAZ, Lucas e TEIXEIRA, Cristina. **“Orange is the new black”**: um novo passo para a **representação feminina na produção midiática**, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Natal-RN, 2 a 4 de julho, 2015, <http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-1453-1.pdf>. Data de acesso: 01/11/17

RIGONI, Priscila. **Representação da mulher na série Orange Is The New Black: Estudo sobre a violência**. Monografia (Graduação em Publicidade e Propaganda), Centro Universitário Univates, Rio Grande do Sul, 2017.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**Marcelo Pereira da Silva** - Pós-doutor em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, desenvolvendo o projeto intitulado: “Ecologia da Comunicação Organizacional – consumidores, instituições e públicos de afinidade nas redes sociais virtuais: interatividade, decepção, convivência e conflitualidade” (2018). Doutor em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo na linha de pesquisa Comunicação Institucional e Mercadológica, defendendo a tese: “A comunicação corporativa e o discurso do consumidor contemporâneo nos sites sociais de reclamação: decepção e coabitação na rede – desafios e oportunidades” (2016). Mestre em Comunicação Midiática pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, apresentando a dissertação: “Sentidos de Brasil na imprensa argentina – A teia noticiosa do periódico *Clarín* (2009). Bacharel em Relações Públicas pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (2003). Atualmente, é docente permanente do Mestrado Interdisciplinar "Cultura e Sociedade", do Mestrado Profissional de Comunicação e do curso de Relações Públicas da Universidade Federal do Maranhão, Campus São Luís. É diretor da Assessoria de Comunicação da Universidade Federal do Maranhão, coordenando os Núcleos de Relações Públicas e Cerimonial, Rádio e TV, Web Jornalismo e Produção Visual e Publicidade desde agosto de 2018. Coordena o Grupo de Pesquisa ECCOM – Ecologia da Comunicação Organizacional na Universidade Federal do Maranhão. E-mail: marcelosilva\_rp@hotmail.com

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aminer 36

Análise de discurso 39, 46, 148, 159

Análise quantitativa 259

Anúncio 133, 134, 142, 170, 171, 176, 177, 178, 292

### B

Blockchain 191, 192, 198, 199, 200, 201

Boato 125, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136

### C

Capital social 9, 98, 99, 100, 101, 104, 107, 109, 192, 200

Celebridade 1, 2, 5, 6, 8, 9, 10

Cinema 23, 189, 238, 239, 240, 262, 264, 265, 271, 272, 283, 284, 285, 286, 288, 291, 293, 294, 295, 306, 307, 308, 310, 311, 312, 313, 315

Cobertura jornalística 77, 82, 83, 86, 250, 324, 327

Comportamento do consumidor 88, 295

Consumo 6, 11, 12, 14, 54, 88, 91, 96, 110, 113, 114, 117, 119, 144, 193, 216, 287, 288, 328, 334, 336, 340, 343

Conteúdo 3, 8, 12, 14, 15, 19, 24, 31, 49, 53, 54, 55, 56, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 69, 79, 80, 82, 83, 88, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 102, 103, 104, 106, 110, 113, 114, 117, 138, 140, 141, 143, 144, 148, 155, 156, 164, 170, 171, 172, 174, 175, 180, 181, 188, 192, 197, 199, 206, 207, 209, 211, 216, 226, 227, 230, 231, 232, 236, 252, 255, 256, 257, 258, 263, 276, 280, 286, 287, 297, 298, 331, 332, 348, 350, 361

Cotas 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213

Cotidiano 18, 44, 47, 55, 81, 126, 135, 167, 174, 194, 195, 196, 211, 216, 222, 233, 282, 295, 297, 298, 304, 312, 313, 314, 335, 356, 358, 361

### E

Eleições 53, 54, 57, 59, 61, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 74, 75, 76, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 127, 132, 136, 138, 157, 255, 260, 355

E-sports 77, 79, 81, 83, 84, 85, 86

### F

Fake News 53, 55, 56, 59, 60, 63, 64, 65, 66, 123, 134, 136, 293, 344, 345, 349, 350, 353, 354, 355

Feminismo 185, 214, 217, 218, 219, 224, 225

Fotografia 70, 73, 262, 289, 313, 325, 356, 357, 358, 359, 361, 362

## I

Identidade 39, 45, 46, 49, 50, 51, 52, 129, 163, 207, 208, 211, 212, 229, 249, 263, 264, 287, 294, 356, 357, 358, 361, 362

Imaginário 219, 238, 239, 240, 241, 242, 245, 246, 248, 292

Imprensa 63, 102, 104, 108, 109, 110, 111, 113, 121, 123, 124, 127, 129, 132, 135, 136, 162, 171, 173, 175, 176, 181, 194, 195, 198, 204, 213, 216, 217, 219, 224, 226, 227, 229, 230, 234, 235, 236, 251, 254, 260, 275, 277, 278, 283, 302, 309, 318, 319, 327, 332, 335, 342, 359, 363

Influenciadores digitais 44, 46, 64

Infográfico 147, 149, 150, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 291

## J

Jornal impresso 14, 18, 102, 103, 104, 170, 171, 172, 174, 175, 178, 179, 194, 320, 350

Jornalismo 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 55, 56, 64, 68, 77, 78, 79, 81, 82, 86, 87, 88, 91, 92, 94, 95, 96, 109, 113, 118, 121, 138, 146, 159, 160, 161, 162, 163, 168, 169, 170, 171, 174, 179, 180, 181, 182, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 214, 216, 217, 219, 220, 221, 223, 224, 225, 226, 232, 250, 251, 253, 254, 255, 257, 259, 260, 261, 262, 266, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 282, 283, 297, 298, 301, 303, 304, 316, 317, 318, 319, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 353, 354, 355, 363

Jornalismo automotivo 316, 317, 318, 319, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328

Jornalismo esportivo 77, 81, 82, 86, 87

Jornalismo literário 161, 162, 163, 168, 169

## M

Mídia 5, 6, 8, 10, 12, 14, 22, 42, 48, 49, 51, 64, 68, 76, 78, 79, 82, 83, 90, 92, 93, 96, 100, 102, 103, 108, 109, 111, 126, 127, 128, 132, 137, 139, 159, 171, 175, 180, 181, 182, 193, 196, 197, 204, 216, 217, 224, 226, 227, 229, 230, 233, 234, 235, 236, 249, 251, 254, 255, 261, 273, 274, 277, 279, 282, 283, 295, 309, 316, 318, 319, 320, 323, 324, 327, 328, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 352, 354, 355, 361

Mídias digitais 14, 79, 88, 98, 100, 102, 188, 297, 298, 302

Multiculturalismo 238, 239, 240, 241, 248, 249

## N

Notícias 2, 4, 12, 13, 14, 17, 40, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 71, 72, 76, 79, 83, 85, 88, 94, 95, 99, 102, 104, 105, 106, 108, 121, 123, 127, 130, 131, 141, 144, 164, 174, 175, 180, 191, 192, 194, 197, 198, 201, 218, 230, 231, 233, 250, 251, 252, 254, 255, 256, 257, 259, 260, 261, 274, 276, 277, 279, 283, 294, 303, 304, 316, 318, 320, 323, 325, 331, 335, 337, 338, 345, 346, 349, 350, 351, 353, 354

## P

Presídio 184, 187, 188, 299

## R

Redes sociais 1, 3, 5, 6, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 28, 29, 33, 34, 35, 42, 43, 44, 46, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 63, 64, 66, 67, 69, 70, 71, 73, 75, 82, 83, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 113, 117, 119, 121, 122, 123, 128, 131, 138, 139, 141, 145, 146, 165, 172, 200, 235, 259, 260, 285, 286, 289, 291, 331, 344, 345, 350, 357, 358, 361, 363

Reportagem 69, 102, 150, 161, 162, 164, 168, 169, 214, 215, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 225, 231, 235, 236, 280, 281, 297, 301, 302, 304, 319, 324, 326, 338

Representatividade 116, 182, 184, 188, 189, 203, 211, 259, 260, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293

## S

Saúde mental 330, 332, 333, 334, 335, 336, 337

Segunda tela 88, 89, 93, 94, 95, 96

Sensacionalismo 227, 232, 235, 252, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 282, 283, 342

Subjetividade 52, 135, 147, 155, 162, 221, 332, 333, 342, 343

## V

Valor-notícia 197, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-695-9



9 788572 476959